

A ARTE DE ENSINAR E A PANDEMIA COVID-19: A VISÃO DOS PROFESSORES

THE ART OF TEACHING AND THE PANDEMIC COVID-19: TEACHERS PERCEPTION

Hercules Guimarães Honorato¹

Aracy Cristina Kenupp Bastos Marcelino²

RESUMO: O objetivo principal deste estudo é apresentar as diversas visões que estão surgindo através dos professores, em função das ações empreendidas no ensino remoto, para que não haja prejuízos no processo ensino-aprendizagem dos estudantes. A relevância do tema está na possibilidade de, a partir das experiências relatadas pelos professores, estabelecer indicativos para a constituição de políticas públicas que motivem e fomentem uma educação de qualidade em nosso país. A abordagem é qualitativa e exploratória, com aplicação de questionário *online*, direcionado aos professores que atuavam em sala de aula e passaram a atuar no ensino remoto. A partir das contribuições de Libâneo (1994; 2011) e Freire (2008), e de pesquisas realizadas por Honorato (2020a; 2020b) no contexto imperativo do isolamento social, foi possível apontar algumas lições aprendidas com o ensino remoto. As conclusões apontam que precisamos recalcular rotas, minimizar as dúvidas da prática docente, de nos adaptarmos às novas estratégias tecnológicas, pois compartilhar conhecimento é algo complexo e demanda uma diversidade de ações, de intervenções, de processos que por mais sofisticada que seja a tecnologia utilizada, ela com certeza não permite desenvolver todas as estratégias que o ensino presencial permite para promover o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino remoto. Pandemia COVID-19. Prática docente. Processo ensino-aprendizagem.

ABSTRACT: This study aims to present the plurality of the teacher's perception, which emerges from the actions taken to minimize the difficulties that come up in remote education. Its relevance is found in the actions and reactions of those involved, and make up possibilities for generating public policies that motivate and foster quality education. An exploratory research was carried out, by choosing the methodological approach of qualitative research. Data collection was performed using an *online* questionnaire, directed to teachers who worked in the classroom and started working in remote education. From the contributions of Libâneo (1994;2011) and Freire (2008) and from the research conducted by Honorato (2020a; 2020b) at the imperative context of social isolation, it was possible to point some lessons learned from remote education. We need to considerate new routes, minimize the questions that arise during practice, in order to adapt to the new technological strategies, as sharing knowledge is complex and demands a variety of actions, interventions, processes that, however sophisticated the technology used, it certainly does not allow to develop all the strategies that the teacher uses in the classroom to promote the teaching-learning process.

Keywords: Remote education. COVID-19 pandemic. Teaching practice. Teaching-learning process.

¹ Mestre em Educação. Especialista em Docência do Ensino Superior, Gestão Internacional e Logística. Bacharel em Administração. Autor do livro: "Relato de uma experiência acadêmica: o 'Eu' professor-pesquisador". Professor adjunto da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro. E-mail: hghhhma@gmail.com.

² Mestre em Educação. Especialista em LIBRAS, Educação Especial e Psicopedagogia. Graduada em Pedagogia. Professora na Prefeitura Municipal de Teresópolis e na Fundação de Apoio à Escola Técnica - Faetec. E-mail: cristinakenupp@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Felizes os Educadores que aprendem a fazer da ação de cada dia a semente da nova sociedade. Infelizes os Educadores que não sonham porque não terão a coragem de se comprometer na luta criadora de uma nova sociedade a partir de sua prática educativa. (TEÓFILO, 2008³).

O mundo globalizado atual, onde as fronteiras físicas são apenas meras referências simbólicas, está integrado e conectado em comunidades e organizações, em que novas conexões de tempo e espaço são construídas, tornando-o, em realidade e em experiência, mais interconectado (HALL, 2005). Bauman (1999, p.67) deixa claro que o “significado mais profundo transmitido pela ideia da globalização é o caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; ausência de um centro [...] é a nova desordem social”. E essa desordem ou ausência de um centro vem ao encontro do que o mundo vive atualmente, a partir da declaração, em 11 de março de 2020, da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2), pela Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴.

A circulação de pessoas está compulsoriamente dificultada e estamos fazendo um “distanciamento social”. As instituições de ensino não poderiam ficar excluídas, pararam por um período indeterminado, fecharam suas portas, pois ainda não sabemos o que vai acontecer nos próximos dias e meses. Torna-se crucial o desenvolvimento de estratégias especializadas, de maior proximidade com os alunos e envolve o horizonte de gestores, professores, família, e da comunidade que orbita a instituição escolar.

A dimensão desse desafio pode ser verificada nos números apresentados no Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019 (CRUZ & MONTEIRO, 2019). Entre redes públicas e privadas há 181.939 estabelecimentos de ensino, com 48.455.867 estudantes matriculados, e 2.226.423 professores. Nesse universo, a efetivação do ensino remoto encontra diferentes realidades, exigindo reflexões em relação ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Tardif e Lessard (2008, p.141), as relações com os alunos, têm como ideia central a de que “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos”. Nesse sentido, e com objetivos de minorar os prejuízos no processo ensino-aprendizagem dos estudantes, os professores buscam fazer com que seus estudantes aprendam conteúdos considerados socialmente necessários, enquanto aguardam o retorno das aulas presenciais.

Refletimos com Dayrell (1996, p.1) a respeito do confronto de interesses que se constituem no ambiente escolar. Para o autor “[...] de um lado, uma organização oficial do sistema escolar, que define conteúdos da tarefa central, [...]; de outro, os sujeitos - alunos, professores, funcionários, [...], fazendo da escola um processo permanente de construção social”, e diante da atual realidade, ergue-se a seguinte pergunta: O que acontece no processo de ensino-aprendizagem e de avaliação, quando as escolas do ensino formal se encontram fechadas?

³ TEÓFILO, J. I. P. **As Bem-aventuranças do Educador**. 2008. Disponível em: <http://supervisaoescolarurei.blogspot.com/2008/04/as-bem-aventuranas-do-educador-jos-ivan.html>. Acesso em: 23 jun. 2020.

⁴ Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 23 jun. 2020.

Desde os anos de 1960, as pesquisas educacionais vêm demonstrando que as desigualdades escolares no Brasil são imensas e que não são produzidas e ou reproduzidas apenas por fatores escolares como: formação de professores, currículo, estrutura física da escola, matrícula de estudantes com deficiência e extraescolares como: a cultura, a política, o social, o econômico e o regional, as questões de raça, cor, gênero, religião, dentre outras.

Nesse sentido, as desigualdades não podem ser entendidas de forma apressada, se faz necessário analisar seus impactos para estabelecer medidas que visem minorar seus efeitos (Editorial do Jornal Pensar a Educação em pauta, 2020). O fechamento das escolas, retirando o estudante, mesmo que seja momentaneamente, de um ambiente de construção social, de convívio com os demais colegas, da sua relação com o professor, requer uma avaliação da didática e das ações que esse docente está sendo compelido, compulsoriamente, a realizar, para que a aprendizagem do seu alunado não seja prejudicada.

O presente estudo, portanto, tem como objetivo principal apresentar as diversas visões que estão surgindo através dos professores, em função das ações que foram ou estão sendo empreendidas, para que não haja prejuízos no processo ensino-aprendizagem dos estudantes, nesse período de fechamento das escolas. Este estudo não entra nos aspectos ligados à emergência sanitária que vivemos, nem sobre os campos político e econômico da temática de um mundo pós-pandemia. O seu fio condutor é o campo da educação, sua relação com a arte de ensinar, com o fulcro na prática docente neste período de pandemia e fechamento das escolas.

Esta pesquisa pretende gerar subsídios que apontem caminhos para a efetivação do processo ensino-aprendizagem dos alunos em tempos de diversidade. A relevância do tema está na possibilidade de, a partir das experiências relatadas pelos professores, estabelecer indicativos para a constituição de políticas públicas que motivem e fomentem uma educação de qualidade em nosso país. Assim contextualizado, a seguinte questão de pesquisa norteou este trabalho: Que lições poderiam ser aplicadas na reabertura das escolas, para promover qualidade ao processo ensino-aprendizagem?

METODOLOGIA DA PESQUISA

O processo de investigação foi iniciado com uma pesquisa sobre o tema na Internet, prosseguindo com uma pesquisa bibliográfica e documental, que serviu para a construção do embasamento teórico, e que ensejou a seleção de dados bibliográficos e posterior leitura analítica e fichamento. Este estudo é o terceiro de uma trilogia sobre o eixo central “Educação e a Pandemia COVID-19”. O primeiro artigo tratou do tema no mundo, com as ações de políticas públicas idealizadas, com especial atenção à China e à América Latina. O segundo artigo trabalhou com o enfoque da aprendizagem do estudante brasileiro. O tema deste estudo é o professor, sua prática docente, em tempo de fechamento das escolas, as visões e ações empreendidas para promover o ensino-aprendizagem.

Foi realizada uma pesquisa exploratória, com a escolha da abordagem metodológica de investigação qualitativa. A coleta de dados contou com um questionário, construído via *google forms* e a distribuição do *link* (<https://forms.gle/Jx1kgHqgT4nbxSRf6>) aos amigos docentes em nossas redes sociais, sujeitos da pesquisa, professores em atividade de sala de aula. Entre os 52 respondentes, trinta e três são professores do ensino fundamental, nove do ensino médio e 10 do nível superior. Os professores do ensino superior são, em sua maioria, das ciências sociais. Os professores da educação básica são de escolas públicas, tanto estaduais quanto

municipais, especialmente do Rio de Janeiro.

De posse dos resultados dos questionários, efetuou-se uma análise do material gerado, com base nos eixos considerados – educação, ensino-aprendizagem, didática, professores, estudantes, família, pandemia COVID-19 e ensino remoto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando hierarquizarmos os problemas nacionais, se isso é possível, nenhum se sobressai tão relevante e grave como a educação, que é considerada uma função social eminentemente pública, com a cooperação ativa de todas as instituições sociais. Como bem descrito e claro no art. 205 da nossa Constituição Federal (BRASIL, 1988), “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020, estabeleceu normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior para o enfrentamento da situação de emergência de saúde pública (BRASIL, 2020). Para o caso específico da educação básica, em seu art. 1º, dispensa a obrigatoriedade do número mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, que é descrito no inciso I, do art. 24 da LDB (BRASIL, 1996), que estabelece como carga horária mínima anual de oitocentas horas para o ensino fundamental e para o ensino médio, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver (BRASIL, 2020).

O caminho escolhido pelas redes de ensino nos estados e municípios foi partir para o que ficou denominado de “ensino remoto”. A revista acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro apresentou um estudo com as principais plataformas de apoio desenvolvidas para o ensino *on-line*. O estudo indicou que a Rede Escola é utilizada em dezessete estados brasileiros e o *Google Classroom* em cinco (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2020, p.12).

Esse modelo de ensino traz implicações importantes para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Entende-se que a escola não existe sem professores, sem alunos, sem corpo pedagógico-administrativo e sem a família. O ambiente escolar promove possibilidades de sinergia entre seus integrantes, fato que é de suma importância para a consolidação do processo educativo – ensino, aprendizagem e avaliação.

Nesses momentos de interação, são fundamentais a aplicação e o desenvolvimento de estudos concebidos no campo da pedagogia, a ciência da educação. Com seus objetivos direcionados aos fenômenos educativos, a pedagogia se preocupa também com a problemática da formação humana, temáticas importantes para o exercício pleno da cidadania.

Diante do imperativo para atuar com o “ensino remoto”, a educação formal, personificada nos professores, precisou responder positivamente à demanda por uma rápida adaptação, pela transformação de sua prática. Essa, que transcorria em um ‘ambiente propício ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem’, com a urgência imposta pela situação sanitária, adentrou no ‘ambiente de educação informal’, reclamando a efetiva participação da família.

É um momento em que todos os envolvidos com o processo educativo são convidados a refletir a respeito dos métodos e técnicas utilizadas no processo ensino-aprendizagem. O Estado, a família e a sociedade precisam assumir suas responsabilidades, todos são

coparticipantes na garantia desse direito que é fundamental e inalienável.

No conjunto dessas transformações, é fundamental compreender o papel desempenhado pela didática, pois ela tem em sua gênese a mediação entre o que é ensinado em suas bases teórico-científicas da própria educação escolar e a prática docente.

Segundo Libâneo (1994, p.29) "O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos". É uma via de mão dupla, cujo fluxo é determinado pelo impacto da ação docente na vida dos alunos. É um processo que se encontra em patamares mais elevados do que a mera transmissão de conhecimentos e de oportunidades para a aquisição de habilidade e desenvolvimento de competências. Assim, temos a responsabilidade de melhor nos prepararmos para a nossa profissão, pois acreditamos que, por intermédio da prática escolar e do nível de influência que empreendemos sobre os alunos, podemos proporcionar a eles possibilidades de exercer direito à educação.

A sala de aula é o *locus* onde a relação professor-aluno se desenvolve em maior intensidade, em princípio, em todo o processo de ensino-aprendizagem. A gestão da sala de aula supõe um gesto que se apoie, ao mesmo tempo, nos saberes a construir, nos procedimentos de implementação das atividades e na lógica das interações dos alunos com o mestre. Freire (2008, p.86) ressalta que “o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve”.

Assim, portanto, precisamos procurar uma nova forma de ensinar e aprender, pautada no contexto do mundo atual e considerando o que se tem em casa, o envolvimento da família e a vida de distanciamento social. É preciso explorar novas maneiras de aprendizagem e interações que estimulem a curiosidade e a criatividade nos alunos para além do currículo acadêmico. O papel docente está em “incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim” (FREIRE, 2008, p.118). Conteúdo sem contexto, na prática docente não gera significado.

Em estudos realizados sobre o tema educação e pandemia, (HONORATO, 2020a, 2020b), dois gargalos foram verificados no ensino remoto: nossa situação de distribuição de Internet banda larga no Brasil e a não preparação do professorado para essa atividade do ensino remoto. O clima socioemocional na sala de aula é importante para o ensino e a aprendizagem, e, na situação atual, sua relevância passa para a sala de jantar ou para outro ambiente familiar, em que momentos de diálogos podem ser criados pela quarentena. Educadores, professores e pais descobrem, nas aulas *on-line*, a falta de políticas públicas para esse setor e enfrentam o desafio de viver isolados socialmente, tentando criar novas formas para a rotina familiar.

Em função desse dilema do ensino remoto por via da ferramenta digital e a possibilidade de o estudante ficar muito tempo na frente da tela do computador, em especial os alunos do ensino fundamental, apresentei, por e-mail, ao professor e especialista no tema Daniel Mill (2020), o questionamento de como poderia a Educação a Distância (EaD) contribuir para o aprendizado de crianças e adolescentes. Ele respondeu:

Estou certo de que a EaD tem muito a contribuir para o ensino fundamental, mas vejo pecados na forma emergencial como está sendo posta em prática: falta tempo para planejamento, falta de preparação dos professores e estudantes, maior foco no conteúdo do que no estudante etc. [...] Ademais, estou prevendo muitas críticas injustas à modalidade de EaD por adoção indevida [...].

Tardif e Lessard (2008, p.263) ao comparar o trabalho industrial com o trabalho docente afirmam que estes “lidam com relações sociais ou com indivíduos, e com relações que apresentam irregularidades; confrontam-se com indivíduos e particularidades”. Para os autores, existe uma substancial diferença entre o domínio da atividade técnica e a educação, ou seja,

enquanto o trabalho industrial lida com a casualidade, com funcionamentos regulares, classes de objetos e séries, as tecnologias interativas, utilizadas no contexto da escola, lida com seres humanos. Essa constatação reforça a ideia de que cada aluno tem tanta importância quanto todos os outros para o professor.

Para Libâneo (2011, p.19), a prática escolar do professor “que assegura a realização do trabalho docente”, está sujeita a condicionamentos de diversas ordens, em especial o sociopolítico e o ideológico. Assim, ele deve ter a consciência e a reflexão de que a sua ação, dentro da sala de aula, afeta de sobremaneira o desenvolvimento do seu alunado. Morales (2006, p.17) aponta que o professor pode “ensinar algumas tantas coisas com nossas explicações, e outras diferentes com o que somos, com nossa maneira de nos relacionar com os alunos [...] até mesmo o modo de olhar os alunos diz algo para eles.”

Ensinar não é apenas uma mera transferência de conhecimentos de uma pessoa mais velha para uma mais nova, é muito mais (FREIRE, 2008). Os processos de ensinar e aprender não são tão simples de serem resolvidos apenas por recursos tecnológicos. Lidar com seres humanos é complexo, os ritmos, tempos e processos de aprendizagem são diferentes. Freire (2008, p.23) nos deixa ainda claro que “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.

Em estudo realizado sobre as lições que estão surgindo com o fechamento das escolas devido à pandemia COVID-19, foi possível verificar que não havia um plano contingencial para o fechamento das escolas e a continuação das aulas através do ensino remoto, pois a educação não se improvisa. Foi sugerida a inclusão no Projeto Político-Pedagógico da escola alternativas de ensino híbrido, para quando ocorrer a necessidade de fechamento, durante o período letivo. O mesmo estudo revelou que o currículo das atuais formações acadêmicas para a docência, não contempla a preparação dos professores para o uso das novas tecnologias educacionais (HONORATO, 2020a).

O importante ponto a ser destacado pelo momento conjuntural vivido foi a necessidade de um equilíbrio entre as atividades digitais e as sem tela. Fato constatado por um aumento nas atividades do professor, um sujeito que em sua formação acadêmica não foi preparado no trato das novas ferramentas de aprendizagem digital, e em especial as redes sociais como ferramenta educacional. A sala de aula, do concreto ao virtual, tem e terá sempre na figura do professor aquele que faz a diferença na formação futura desse novo cidadão.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

O instrumento de coleta de dados propriamente dito foi, como já informado, um questionário com três perguntas abertas e uma fechada. Os sujeitos que participaram da pesquisa foram 52 professores da educação básica e superior, como mostra o Gráfico 1. Nele, podemos verificar que o maior contingente de respondentes está no ensino fundamental, um percentual de 64% dos respondentes. Destacamos que as contribuições de todos os professores foram de suma importância para o desenvolvimento deste estudo, em especial, quando articulamos a teoria docente à prática vivenciada e observamos um momento de ruptura social.

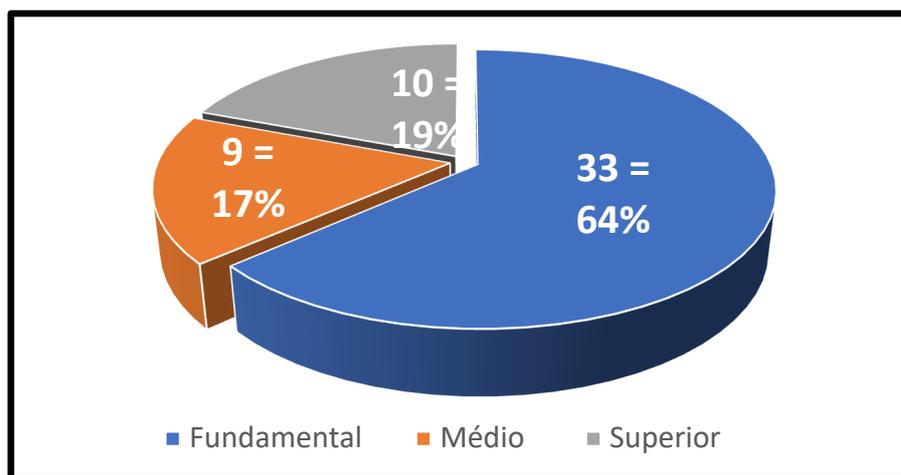


Gráfico 1 – Total de professores respondentes por níveis escolares
Fonte: os autores.

As análises foram realizadas de acordo com as perguntas em sua ordem sequencial. A identidade dos docentes respondentes foi preservada, e as respostas, quando mencionadas, foram discriminadas pelo código alfanumérico, escolhidas aleatoriamente, conforme os questionários respondidos eram analisados. Dentro de sua ação docente, por exemplo, o professor do ensino fundamental recebeu o código “PF1”, o primeiro do ensino médio é “PM1”, o do superior o “PS1”, e assim numerados sequencialmente. As perguntas e suas respectivas análises estão organizadas em função do referencial teórico abraçado e discutido. Procurando conhecer a realidade dos professores, todas as respostas foram consideradas, sendo as mais conspícuas a este estudo separadas, e as demais presentes em uma costura textual.

• **Como você se sentiu como professor e como foi sua resposta aos novos desafios educacionais desta emergência?**

O que se pretendeu com esta questão foi termos a real noção de como ocorreu a resposta aos novos desafios compulsoriamente enfrentados pelos professores, quando obrigados a apresentar soluções para sua prática docente, uma vez que não estão mais em sala de aula e em contato direto com seus alunos. Uma resposta importante foi a da professora do ensino fundamental (PF1) que afirmou: “[...] me senti desafiada a criar novas estratégias de ensino, e minha resposta foi ‘me reinventar’ diante dos desafios impostos pelo uso de tecnologias para interagir com os alunos”.

Uma resposta recorrente foi a de não se sentir preparado para o uso das tecnologias digitais para o ensino remoto, como na fala dessa professora, que também nos apresenta a possibilidade, também sentida, no aumento das desigualdades educacionais:

Incompetente na atuação. Tentar inovar sem estruturação física das famílias atendidas é impossível. No mínimo, incorremos no erro de gerar mais desigualdades, ao não atentarmos para o atendimento da universalidade do ensino, previsto na constituição” (PF18).

O que também é afirmado pela PF11: “Sem poder trabalhar, porque a rede em que atuo não tem TI para nós e nossos alunos...inclusive, nada se falou da reposição e apoio pedagógico até agora”.

Quando passamos para o ensino médio, podemos verificar que as situações vivenciadas pelos professores não são muito diferentes. A professora, que atua em uma escola especial para

alunos com deficiência múltipla sensorial, assevera que há

[...] falta de acessibilidade de programas e a situação econômica de nossos alunos, cuja maioria não tem computador ou mesmo celular com pacotes de Internet que permitam receber textos e sustentar chamadas em salas remotas [...] Meu sentimento como professora do ensino básico foi e é de total impotência diante da fragilidade de nosso alunato” (PM1).

No caso do ensino médio, em que os alunos se situam entre 14 e 17 anos, podemos verificar situações consideradas positivas no trato do ensino remoto com a prática docente: “Não tive resistências às novas metodologias (PM2). Tranquila. É necessário mudar práticas e adaptar estratégias (PM3). Eu me senti bem e, para falar a verdade, gostei muito, pois pela Internet, temos uma maior dinâmica para trabalhar com os alunos. (PM5)”. E (PM4) assevera:

A educação acompanha a sociedade. E os momentos vivenciados, com a pandemia, só demonstram essa versatilidade da educação e nossa capacidade de nos adaptar, de seguirmos a necessidade do momento, que nos pede maior mediação tecnológica, busca da melhor metodologia, sem que não deixemos de valorizar o contato humano.

No ensino superior, que, a princípio, deve alinhar o ensino remoto com a prática docente, foram percebidos quase os mesmos sentimentos que nos demais níveis escolares. Na resposta do primeiro professor, podemos verificar as incertezas que o deixam desanimado em sua prática, porém, a sua instituição está procurando soluções na formação continuada para o uso de plataformas tecnológicas digitais: “As respostas têm sido estudar, adiantar produção científica e aguardar para o retorno. A instituição começa a ofertar algumas capacitações sobre educação a distância e plataformas on-line de trabalho, que estou fazendo ou farei em breve, para possível uso em aulas remotas.” (PS1).

Independentemente do nível escolar, o preparo docente para um ambiente de ampliação da educação a distância, como uma das formas de metodologia formativa e de qualidade, remete-nos às seguintes respostas: “Despreparada e sem destino” (PS4). “Desafiada a exercer a profissão da melhor maneira possível dentro de uma nova perspectiva e meios de comunicação. O aprendizado dos alunos é o que me dá forças” (PS2). “Os alunos tiveram grandes perdas no geral. Não são todos os cursos que podem ser a distância. No meu caso, sou professor do curso de engenharia.” (PS5). “Não é a mesma sensação. Em sala de aula, havia mais debates. Pela Internet, isso diminuiu” (PS6).

A análise final dessa primeira questão pode ser sintetizada nos relatos dos professores, que independente do nível escolar que atuam, compartilham dos desafios do ensino remoto: Em sala de aula, havia mais debates, mas é necessário mudar práticas e adaptar estratégias. Os desafios impostos pelo uso de tecnologias para interagir com os alunos esbarram na falta de acessibilidade de programas e na situação econômica dos nossos alunos e não tem TI para nós e nossos alunos. Despreparada, sem destino e de total impotência, porém, o aprendizado dos alunos é o que me dá forças e temos a versatilidade da educação a nosso favor e nossa capacidade de nos adaptar, além de a instituição começa a ofertar algumas capacitações sobre educação à distância e plataformas *on-line* de trabalho. Os alunos tiveram grandes perdas no geral, não sendo esse o desejo de nenhum de nós, professores.

• Que experiências de aprendizado e qual tem sido a resposta de seus alunos neste momento?

Esta questão procurou avaliar que experiências estão sendo ou não aprendidas pelos docentes, em relação à reposta dos seus alunos, ou seja, no processo ensino-aprendizagem. Na leitura das respostas dos professores do ensino fundamental, algumas considerações iniciais podem ser apresentadas. Em primeiro lugar, a tendência do agravamento da desigualdade educacional, quando os alunos não têm atividades, ou não têm acesso à Internet em suas comunidades, como destacado por PF3, “ainda temos uma desigualdade muito grande na base educacional. Estão fazendo o possível devido a sua realidade”. Outros docentes também corroboram esse pensamento, “Os meus alunos se sentem prejudicados, apesar da vontade de aprender. Não estão preparados para a educação a distância, não têm bons recursos tecnológicos e não conseguem aprender sem a presença do professor” (PF4).

Porém, vendo o copo meio cheio, outros respondentes caminharam no sentido das experiências positivas, como destacado por PF1:

Alguns alunos têm participado ativamente, dando retorno em vídeos das atividades propostas. Os alunos que cresceram com o uso da tecnologia e com disciplina de estudo não apresentam problemas em acompanhar as aulas, os com dificuldade de acesso, ou com acesso e sem disciplina de estudo, infelizmente, não respondem de maneira positiva e continuam fazendo o mínimo que é solicitado.

Quando se pensa em EaD para os demais níveis escolares, o primeiro pensamento que nos vem é o da necessidade de disciplina que essa modalidade de ensino determina. Um dos professores respondentes deixou realçar uma das gratas constatações positivas: “Eles estão lidando bem, e muitos surpreenderam positivamente com relação à autonomia e responsabilidade pelo estudo” (PF8). O que é reforçado pelo PF19, que afirma que “Aprendi a lidar com ferramentas digitais as quais sequer conhecia, e os alunos gostam bastante das produções. Nem todos dão conta de todo o material enviado, mas ficam empolgados e satisfeitos”.

No trato do ensino médio, em alguns casos, não é possível de avaliar as experiências de aprendizado, e em outro “Os alunos da rede estadual estão tendo muitas dificuldades de acesso e de fazer uma rotina de estudo” (PM2). Em relação à autonomia discente, realçado como fato importante para uma EaD, o respondente PM4 acha que essa faixa etária ainda carece de maturidade: “Porém, verifico também, que muitos alunos não possuem ainda uma maturidade de criar uma rotina de estudos, e isso implica em uma redução da qualidade do ensino” (PM4). O que PM3 discorda com “Boas respostas. Grande parte tem participado”. As escolas são diferentes, como os professores, os estudantes e o *background* familiar, certamente, o que Willms (2008, p.262) chamou de “efeito da escola”, no qual a diferença de todo esse conjunto de componentes é transposto no sistema escolar como um todo.

Em relação ao ensino superior, verificamos que, em certa medida, as aulas foram suspensas no início da pandemia. O respondente PS6, que é professor de engenharia, argumenta que na EaD

[...] a exigência é menor e a falta de laboratórios prejudicam muito o ensino prático. As aulas teóricas também são prejudicadas, pois os alunos não têm grandes oportunidades de sanar dúvidas. Embora muitos falem em ‘ensino digital’, essa forma não pode ser universalizada. Outro ponto é a questão de avaliação, os alunos têm um *freepass* para colar.

Com essa retórica do docente anterior, mas vendo sob outro aspecto, o PS9 ressaltou que “Como experiência, a elaboração de aulas mais focadas em materiais visuais e outras

formas de avaliação também. A resposta foi boa no início. Mas já se percebe um cansaço também por parte dos alunos”.

Quando caminhamos pela pós-graduação, podemos verificar que a troca de experiências entre professores e alunos “tem sido agradável, trabalho com pós-graduação, então, são módulos de 40 horas, com contato via vídeo conferências, e-mail e aplicativos, quanto aos materiais/conteúdos, como eu utilizo *Padlet*, meus alunos já estavam acostumados a encontrar e compartilhar materiais nessa plataforma” (PS1). “A cada dia um aprendizado novo com superação para ambos os lados” (PS5). Uma interessante constatação de professores para os seus alunos adultos em relação à EaD: “Vejo que eles ficam mais calados virtualmente” (PS4).

• Expresse livremente suas percepções, medos, desafios, significados e realizações nesses momentos de ser professor em momentos de confinamento.

Nesta última questão, iniciaremos como uma nuvem de palavras que foram as mais citadas pelos professores respondentes, por ordem alfabética: ansiedade, apavorada, arte de ensinar, autonomia, cansaço, desafiador, desigualdades sociais, disciplina, ensino *on-line*, esgotamento, exaustivo, incerteza, insegurança, medo, nivelamento, qualidade de ensino, responsabilidade, relação professor-aluno e sobrecarga de trabalho. Assim exposto, os desafios estão em levar um ensino de qualidade aos estudantes, mesmo que haja um excesso de trabalho docente. Independente se a interação professor-aluno acontece através de uma tela, ela não deve ser descuidada.

Na continuação da análise desta questão, foram separadas quatro respostas que se encaixam perfeitamente no objetivo do nosso estudo, e com seus autores apresentados: Percebo que, ainda sim, contamos com o grande número de alunos que não tem acesso à Internet. (PF10). Outro fator importante é o contato aluno-professor. (PS4).

Vivendo o desconhecido e aguardando o desenrolar de todo processo, sabendo que será necessário recalculando rotas, adaptar novas estratégias, se preparando para atender a novas demandas, de maneira que a educação cumpra com seu principal objetivo, ou seja, proporcionar ao educando uma apropriação de valores culturais que cooperem para a sua formação de um cidadão pleno, superando esse período singular para todos. (PF3).

Nesse momento, ser professor exige de mim uma adaptação e uma visão além do que estava acostumada em sala de aula. Me faz rever minhas considerações a respeito do que é uma aprendizagem significativa. Pra quê e por que eu ensino e como eu posso proporcionar situações de aprendizagens.” (PF21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensinar é um ato de amor, e sonhar faz parte da ação docente, do ser educador, pois aquele professor que não sonha não tem coragem de provocar reflexões em seus alunos em relação ao futuro e de construir uma nova sociedade, como exposto na epígrafe introdutória deste texto. Compartilhar conhecimento é algo complexo e demanda uma diversidade de ações, de intervenções, de processos, que, por mais sofisticada que seja a tecnologia utilizada, com certeza, ela não permite desenvolver todas as estratégias que o professor utiliza dentro da sala de aula. As tecnologias aproximam a distância física, mas o ‘olho no olho’, a troca que acontece naturalmente entre professor e aluno, entre aluno e aluno, acreditamos que só exista quando

todos estão em um mesmo ambiente físico, sob as mesmas condições físicas e humanas, em especial na educação básica.

No centro desse furacão chamado de COVID-19, no tocante ao processo ensino-aprendizagem, se encontram o professor e o aluno. As mudanças na prática docente impactaram a maneira de aprender do aluno. O processo que se desenvolvia por meio da interação presencial, foi abruptamente substituído por uma situação virtual, ocasionada pelo imperativo do distanciamento social. Desafios, insegurança, despreparo, sobrecarga de trabalho, incertezas, ansiedade, aumento da desigualdade educacional e social, entre outras tantas palavras, expressam o sentimento no atual período. Precisamos recalcular rotas, minimizar as dúvidas que surgem na prática, de maneira a nos adaptarmos às novas estratégias tecnológicas da arte de ensinar.

O nosso gargalo não está no ensino superior, mas em grande medida nos ensinos fundamental e médio. São cerca de 48 milhões de estudantes esperando o retorno às suas escolas, à normalidade das relações de um ir e vir, de estudar presencialmente com seus pares, de procurar dar o seu melhor as suas vidas cotidianas. As lições que poderiam ser aprendidas em nossa prática docente para promover o processo ensino-aprendizagem são: (i) melhorar nossa formação ou pós-formação, com a introdução de disciplinas ligadas aos meios digitais e tecnológicos; (ii) compreender que a educação a distância ou o ensino remoto é uma possibilidade de ser aplicada em nossa prática docente; (iii) incluir no Projeto Político Pedagógico da nossa escola, alternativas viáveis de ensino, aprendizagem e avaliação para quando estiverem fechadas; (iv) nas reuniões de pais e mestres ou de conselho de classe, procurar colher todas as observações possíveis dos responsáveis, tanto positivas quanto negativas. Procurando sempre corrigir os erros e melhorar os acertos, de maneira a oferecer educação de qualidade em qualquer que seja o segmento ou modalidade de ensino.

Observamos que a palavra “medo” foi uma das mais citadas nas respostas, mas seria porque nossos alunos não estão tendo com igualdade o ensino que merecem? Há sempre a dúvida de não ter feito o nosso melhor, mas, como somos todos seres humanos, professores e alunos, e estamos sujeitos ao erro e ao acerto, seguimos esperando que no dia seguinte um número maior de alunos responda satisfatoriamente aos objetivos propostos nas aulas, expressem suas dúvidas e compartilhem do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 5 out. 1988. Publicação original.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Publicação original.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p.27833, 23 dez. 1996. Publicação original.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. **Diário Oficial da União** - Seção 1 - Edição Extra - A - 1/4/2020, Página 1 (Publicação Original). 2020.

CRUZ, P.; MONTEIRO, L. (Orgs). **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. São Paulo: Moderna, 2019. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/302.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

DAYRELL, J. T. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, J. T. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

EDITORIAL do Jornal Pensar a Educação em pauta. *A pandemia e as Desigualdades Escolares*. Faculdade de Educação da UFMG, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pandemia-e-as-desigualdades-escolares/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. (Coleção Leitura).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HONORATO, H. G. (no prelo). **A educação brasileira e a pandemia covid-19: alinhavos entre o ensino remoto e a aprendizagem dos estudantes**. 2020a.

HONORATO, H. G. (no prelo). **Os meandros da educação e da aprendizagem em meio à pandemia covid-19: os desafios e as lições**. 2020b.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 26. ed.. São Paulo: Loyola, 2011.

MILL, Daniel. EaD e COVID-19. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <hghhha@gmail.com> Acesso em: 21 abr. 2020.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO [UFRJ]. Em defesa da educação pública comprometida com a igualdade social: porque os trabalhadores não devem aceitar aulas remotas. **Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação [Colemarx]**. Programa de Pós-

Graduação em Educação [PPGE] da Faculdade de Educação. 22 abr. 2020. Disponível em: <http://www.colemarx.com.br/artigos-produzidos/>. Acesso em: 22 abr. 2020.

WILLMS, J. D. A estimação do efeito escola. In: BROOKE, N.; SOARES, J. F. (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 261-272.